

CRISPIM

Guilherme Vidal

Neuropediatra

Ex-chefe do Serviço de Pediatria do Hospital dos Servidores - RJ

Crispim foi uma figura real, embora eu não o tenha conhecido pessoalmente. Sua história chegou até mim através de um relato digno de crédito. Era um homem baixinho, negro, careca e desdentado, que todos chamavam simplesmente de Crispim — talvez nem ele soubesse seu verdadeiro nome. Passava dos sessenta anos, sempre sorridente, e se destacava como “faz tudo”: pedreiro, eletricitista, bombeiro hidráulico de pequenas tarefas. Mais que isso, era prestativo e presente. Bastava chamá-lo que surgia, feio como a fome, mas querido pela dedicação.

O pai da narradora, homem já idoso, diabético, ranzinza e ao mesmo tempo bondoso, tinha em Crispim um braço direito. Contava com ele para tudo: do banho ao caminho até sua palhoça, onde ouvia músicas e tomava uísque. Se surgia um problema na casa, lá estava Crispim: consertava telhados, portas, torneiras, buscava compras. A família inteira cresceu habituada a depender dele para as coisas mais simples, como achar um chinelo ou trocar uma lâmpada. Indispensável, atendia todos com solicitude, mas sua atenção maior era voltada ao patrão e à filha adolescente, a Galega.

A menina tinha enorme carinho por ele. Defendia-o quando alguém reclamava e se compadecia de sua humildade. Crispim aceitava roupas usadas como presentes valiosos, aproveitava restos de sabão e morava num pequeno quartinho ao fundo do quintal, que considerava seu palácio. Era emprestado a parentes para serviços, sem nunca cobrar e, quando recebia algum pagamento, guardava para a sobrinha, que aparecia de tempos em tempos.

Numa dessas empreitadas, feriu gravemente o pé com uma enxada. Seguindo hábitos de sua cultura, encheu a ferida de areia. Só aceitou ir ao hospital quando a Galega o acompanhou. No atendimento, não deixava ninguém tocá-lo sem a presença dela, que cuidou pessoalmente dos curativos até a recuperação. Ficou quase dengoso, mas logo voltou às tarefas com o patrão.

A tragédia veio quando o velho adoeceu e precisou ser operado. Crispim, desesperado, chorava como criança, mas nem sempre conseguia visitá-lo. A piora foi irreversível, e o patrão morreu. A dor de Crispim foi devastadora: recusava comida, chorava sem parar, mergulhado em profunda tristeza. Uma semana depois, sozinho em seu quartinho, partiu também, como se fosse ao encontro do amigo e patrão.